

## A função crítico-social da igreja

1. A crítica social é essencial à fé. Ela não pode ficar impassível diante de um estado de coisas no mundo que provoca sofrimento e no qual se sofre de tal maneira.
2. Em sua tendência, a crítica social da fé é, antes de mais nada, prática, isto é, ela se manifesta em uma ação transformadora da sociedade. Como forma de expressão da fé, o amor ao próximo tem criado, desde os tempos da cristandade primitiva, instituições, através das quais o sofrimento deveria ser minorado e, efetivamente, também o foi.
3. Estas instituições foram inicialmente (e teriam que voltar a sê-lo) não somente caritativas, mas também "políticas". Isso significa: A ação caritativa minora o sofrimento já existente (doença, pobreza, ignorância...); ela é posterior às situações de sofrimento e procura minorá-las. A ação política quer modificar a sociedade, antecipando-se em sua ação ao surgimento das situações de sofrimento. É prevenção ao sofrimento.
4. Esta ação "política", preventiva e formativa, esteve, inicialmente, restrita ao âmbito da comunidade. Dentro das comunidades de fé que surgiam, foram introduzidas regras diferentes daquelas que estavam em vigor na sociedade circunstante e no Império Romano, para prevenir de saída, entre outras coisas, a pobreza e a miséria, através de partilha fraterna, de ministério diaconal e de assistência às viúvas. A comunidade, portanto, não adotava critérios ditados pelo "mundo", mas estabelecia seus próprios critérios. Na época ainda não se pôde chegar a estabelecer um plano para conformar o Império Romano.
5. A partir do instante em que, sob Constantino, o cristianismo se adonou do poder e, sob Teodósio, se tornou religião estatal, o cristianismo pôde participar na configuração de toda a sociedade. (Em Juliano, o Apóstata, evidencia-se que se estimava especialmente o aspecto caritativo desta configuração, pois ele pretendeu eliminar o cristianismo, mas não suas instituições caritativas).
6. Concomitantemente, porém, a própria igreja cristã se transformou em uma poderosa instituição com características semelhantes às do estado (como todas as instituições) que tinha que

se preocupar com a sua preservação, isto é, com a preservação de poder e influência. Este interesse contradiz ao impulso inicial. A perspectiva não se dirige mais em primeira linha para "baixo", mas para "cima", em direção ao poder. Desde então muito sofrimento foi provocado pela igreja (batismo sob pressão, perseguição aos judeus, inquisição, pesados tributos, etc.). A igreja consentiu em que seus critérios fossem sempre mais prescritos pelo "mundo" e perdeu seu impulso crítico-social.

7. Núcleos vivos de fé, na base da igreja, voltaram-se contra este desenvolvimento. Continuaram a acentuar a necessidade de se dar uma forma tal à vida e ação comum que Cristo nela pudesse ser reconhecido. (Monaquismo, "hereges", pietistas). As divergências entre eles e a instituição eclesiástica levou muitas vezes a perseguições e, em época posterior, a difamações e à incompreensão em relação a seus princípios.
8. A igreja evangélica de nossos dias, especialmente na Alemanha, onde se organizou em grandes e abastadas Igrejas Territoriais, encontra-se diante do dilema de ser, por um lado, instituição que tem que se manter (e que, por isso tem que se arranjar com a sociedade existente) e de, por outro lado, ser vocacionada para ver o mundo com os olhos de Cristo, isto é, de maneira crítica, tomando o partido dos que sofrem. Este dilema não pode ser solucionado com uma simples decisão, mas requer lutas em torno das decisões corretas para cada situação.
9. Esta luta adquire uma gravidade especial diante do fato de que em nossos dias, com base em pesquisas politológicas e econômicas, se evidenciou onde se encontram as causas dos diversos sofrimentos e até que ponto a fome, a doença (Câncer!), a apatia, etc. não são coisas naturais, mas conseqüências de causas sociais. O "princípio causal" provoca o choque com interesses poderosos. A igreja é perguntada se ela tem a coragem de arriscar este choque de interesses.